

## Notas sobre o bordado: reflexões sobre o Acompanhamento Terapêutico na velhice

---

Cláudia Soares de Oliveira

Quero apostar na imagem do bordado para traçar algumas reflexões sobre o trabalho de acompanhante terapêutico (at). O que me interessa não é um bordado pronto, de moldes fixos e pontos repetidos, seria antes um bordado vivo, que se faz junto, no tempo do encontro, com linhas que às vezes enroscam, às vezes soltam, às vezes desaparecem no tecido do cotidiano. Acredito que seguir o fio da metáfora, da linguagem poética, permite falar daquilo que muitas vezes escapa às palavras técnicas: o cuidado como presença, como ponto bordado. Cada gesto feito nesse encontro tem a potência de operar uma inflexão na vida de alguém.

O acompanhamento terapêutico (AT) se faz por meio de linhas que não apenas conectam, mas que também inscrevem e criam possibilidades no tempo do outro. Essa criação de possibilidades deve reconhecer a diversidade de experiências, corpos e histórias, valorizando a diferença como fonte de riqueza e resistência — ato de caminhar como experiência sensível e produtora de mundos. Cada linha traçada no cuidado é uma marca de presença, uma inscrição que testemunha a existência do outro.

Um *outro* visto como uma singularidade, uma trama que não pode ser reduzida a um padrão ou a uma norma — especialmente na velhice, onde as experiências de vida se acumulam, como fios de uma trama única. Assim, o cuidado com a pessoa idosa deve ser uma escuta sensível às diferenças, às nuances que compõem sua biografia. Cada fio, cada ponto, carrega o tempo do corpo, das emoções e das memórias, e o at, como um bordador atento, reconhece essa multiplicidade, bordando junto ao outro, no ponto possível naquele momento.

Uma prática de cuidado que resiste às lógicas da padronização, da produção em massa e da normatização do envelhecimento, que tantas vezes encontramos em diversos contextos de saúde. É uma política que afirma que cada vida merece um cuidado singular, tão único quanto a sua própria existência.

### **O primeiro ponto: acolhendo a diferença e criando vínculo**

Quando comecei a bordar aprendi quatro pontos básicos: alinhavo, ponto atrás, correntinha e ponto haste e assim fiz meu primeiro mostruário de pontos. Aprendi que um bordado começa com um projeto e que a etapa de riscar é a primeira fase da preparação de todo trabalho por vir. Mas antes de riscar, temos que imaginar, com isso desenhar e só então riscar, ou seja, transferir o molde do bordado para o tecido. Feito isso, passamos a separar linhas e agulhas para começar a espetar, contornar, alinhavar percursos e indagações,

estabelecendo os preenchimentos e arremates através dos fios de linhas e dos pontos do bordado. O bordado expressa as vontades, mas também conjuga os acasos. É a mediação entre o projetado e o imprevisível.

A vontade também tem suas nuances. A escritora Bell Hooks (2021) caracteriza o *ato de vontade* como “tanto uma intenção como uma ação” (p. 39). O trabalho do AT pode ser pensado como um fazer que nasce da escuta e tem o afeto como matéria-prima. Que se abre para o imponderável. Escutar o sofrimento do outro exige disponibilidade e implicação, e sabemos que o sujeito que sofre não espera uma solução mágica, mas uma escuta que reconheça sua existência. O at borda sua presença como quem sustenta esse reconhecimento. Mas é preciso chegar com cuidado. Como quem encosta a agulha pela primeira vez em um tecido ainda desconhecido, o at se aproxima devagar. Com sua presença, está sempre atento às nuances que se manifestam na fala, no corpo, na expressão. Não há pressa.

O primeiro ponto não se força — ele surge quando o fio encontra espaço para passar. E ali, no primeiro entrelaçamento de palavras ou de silêncios, nasce algo: talvez seja o vínculo brotando. Uma intenção de costura que respeita o ritmo do outro, sua história, suas particularidades. É no intervalo, na espera, que a linha do vínculo se insinua, acolhendo aquela existência com cuidado e respeito, como quem se aproxima de algo novo com delicadeza. Nesse aparente “não fazer”, o at está inteiro — abrindo espaço para que a relação se construa. Cada ponto feito representa um momento de alinhamento, um laço criado. As conexões estabelecidas no encontro são os fios que tecem o sentido das experiências vividas no cotidiano da vida.

### **Cada fio é um mundo: a invenção do cotidiano no trabalho do AT**

O trabalho do acompanhante terapêutico caracteriza-se pelo acompanhamento singular de sujeitos em seus mundos próprios — marcados por ritmos, gestos e modos de expressão únicos. O at convive com a diversidade das formas de ser e agir de cada indivíduo. Há quem prefira utilizar linhas grossas, marcantes; há quem se dedique a pontos miúdos, delicados. Encontram-se tecidos puídos, quase rasgados pelo tempo, e outros de trama nova, ainda em construção. O papel do at não é o de ensinar a bordar, mas o de bordar junto, respeitando o fio que o outro tem, no ponto que é possível naquele momento; acompanhar com respeito e cuidado, valorizando a experiência vivida e o processo individual de cada sujeito.

É imprescindível considerar o papel do território como elemento central do trabalho. Território, aqui, vai além da dimensão geográfica: trata-se de um espaço social, cultural e afetivo, onde se entrelaçam vivências, relações e sentidos atribuídos pelos sujeitos. É o espaço onde a vida acontece em suas múltiplas dimensões. Michel de Certeau (1994) nos lembra que o território é um “espaço praticado” (p. 184) qualificado pelas ações e experiências humanas, e no capítulo sobre práticas de espaço da mesma obra, Michel de Certeau argumenta que os usuários fazem uso dos lugares que lhes são dados.

Essa perspectiva revela que o cotidiano não é um espaço passivo, mas um campo ativo de invenção e reinvenção pelos sujeitos. Ou seja, a prática cotidiana é uma arte da invenção, uma série de táticas que os indivíduos utilizam para se apropriar dos espaços e tempos que

lhes são impostos (Certeau, 1994). O trabalho do at, como prática situada no território, pode ser compreendido como uma linha que atravessa os múltiplos espaços e tempos do sujeito, conectando experiências e possibilitando a construção conjunta de sentidos.

### **Nós e desmanches**

É viável realizar bordados em praticamente qualquer tipo de tecido; entretanto, recomenda-se a utilização de materiais com trama firme, como algodão, linho ou etamine. Esses tecidos facilitam tanto a inserção quanto a retirada da agulha, além de propiciarem um acabamento mais uniforme. Considera-se que a trama não é firme quando a urdidura do tecido apresenta espaçamento amplo, resultando em um material mais leve, com maior transparência e fluidez, ou seja, um tecido com espaços mais amplos entre os fios. O bordado em tecidos de trama solta é, invariavelmente, mais complexo, demandando do bordador elevada motivação para a execução do trabalho. Ademais, requer mais tempo para a adaptação de agulhas e linhas apropriadas a esse tipo de tecido.

Trata-se de um processo que exige experimentação contínua. E isso também não acontece no acompanhamento terapêutico? Pode ocorrer que o at seja designado para atender um indivíduo que, por motivos ainda não plenamente identificados, manifeste resistência ao encontro, expressando, por exemplo, que “não deseja realizar o trabalho devido à ausência de afinidade”. Nesse contexto, é pertinente indagar: o que ocorreu no momento da execução do primeiro ponto? Houve escolha inadequada da agulha ou da linha? Falta de habilidade do bordador? A responsabilidade recai exclusivamente sobre o tecido? Ou simplesmente houve encantamento pelo tecido, sem consideração dos aspectos técnicos?

Às vezes, o fio embarça e cria nós. O at não corta o fio, ao contrário, ele sustenta, espera junto. Atravessa crises, angústias e silêncios longos. Há linhas que se sustentam no ar, confiando que haverá um ponto adiante. E quando o tecido rasga? Quando algo se rompe e parece que nada mais pode ser costurado? Acompanhante terapêutico e acompanhado juntos recolhem os pedaços, seguram as bordas e inventam um ponto novo, mesmo que fique torto. Suely Rolnik (2018) nos aponta que há no corpo uma inteligência sensível que nos orienta no caos do mundo e essa sensibilidade funciona como uma bússola, quando sentimos um mal-estar ou um sufocamento diante do estado atual das coisas, é essa inteligência indicando que a vida precisa de novas formas para se expressar.

O at, ao sustentar o caos sem antecipar a forma, aposta nessa inteligência do corpo e da vida. Não busca corrigir, mas sustentar a experiência. Não apaga o erro — acompanha o traço. Desmanchar também faz parte. Há momentos em que é preciso desfazer para refazer. Retirar pontos que apertaram demais. O at, então, desmancha junto — com cuidado — sabendo que cada tentativa é também construção.

### **O avesso do cuidado**

Quem já virou um tecido bordado sabe que o lado de dentro, muitas vezes, revela a trajetória do trabalho, as pequenas falhas, os fios que se cruzaram, os remendos que sustentaram o tecido. Segundo Derdyk (2024), o avesso da linha não é o erro, mas o testemunho de seu percurso, indicando uma reflexão sobre a linha como registro de

passagem e memória da ação criadora. É nesse avesso que o cuidado se revela mais potente — porque ali estão os rastros do que foi vivido, sentido e enfrentado, as tentativas e os ajustes. São os pontos malfeitos, os nós e os retornos que mostram a coragem de continuar bordando. O at habita o avesso — da pele e do tecido. Escuta o que não se diz, percebe o que não se mostra. É uma clínica feita de entrelinhas, de gestos delicados. Caminha num espaço similar ao da fita de *Moebius*, passa de um lado a outro, cruza limiares, transpõe fronteiras: verso/reverso; dentro/fora; eu/outro. Também é no avesso que encontramos os rastros deixados pelo bordado. A cada ponto um vestígio é deixado para trás — no avesso do tecido. O gesto se mostra como vestígio — o vestígio de um gesto (Derdyk, 2024).

### Um gesto menor

O Acompanhamento Terapêutico é um cuidado que não se curva ao ritmo da urgência, mas aposta na permanência, na escuta, na delicadeza. Tal como o gesto de bordar, ele é um ato de resistência. É ético, sim. É estético, também. Mas, sobretudo, é político: sustentar existências onde tantas vezes elas são negadas. Costurar redes onde há buracos; bordar presença onde há abandono. O at, ao bordar sua presença com afeto e compromisso, transforma o cuidado em prática radical — não como ruptura ruidosa, mas como persistência silenciosa, como quem costura pacientemente a dignidade onde ela foi desfiada. Cada vida é um tecido único. Cada encontro, um ponto novo.

O at, como quem borda à mão, vai construindo sentido ponto a ponto. Sem pressa. Sem padrão. Sem receita. É um “gesto menor” — conceito cunhado pela filósofa Erin Manning, que “abre a experiência para seu potencial de variação. O menor realiza isso do meandro da própria experiência, ativando uma mudança de tonalidade, uma diferença de qualidade” (Manning, 2013, p. 1–2, tradução livre).

O cuidado — mas também o bordado — é um gesto menor que opera uma abertura para o porvir. Cuidar e bordar podem ser gestos corriqueiros, cotidianos, ordinários. Mas podem também ser acontecimentos, experiências que nos colocam face a face com o desconhecido. Mesmo quando o bordado parece invisível, ele permanece — feito de gestos sutis, silêncios compartilhados, escutas que sustentam. É um bordado-cuidado que não busca visibilidade, mas presença. Porque bordar-cuidar, no fundo, é isso: confiar que ainda há o que costurar, mesmo quando tudo parece se desfazer.

### Referências

- CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano**. 1. Artes do fazer. Editora Vozes. São Paulo – SP, 1994.
- DERDYK, E. **O corpo da linha: notações sobre desenho**, Editora Relicário. Belo Horizonte – MG, 2024.
- HOOKS, B. **Tudo sobre o amor: novas perspectivas**. Editora Elefante. São Paulo – SP, 2021.
- MANNING, Erin. **The minor gesture**. Durham: Duke University Press, 2013.

OLIVEIRA, C. S. **Velhices e envelhecimento: Potências do cuidado tecido nas dobras e redobras do bordado**, Dissertação (Mestrado) – Programa de Estudos Pós-Graduados em Gerontologia, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2019. Disponível em <https://repositorio.pucsp.br/handle/handle/22200>

ROLNIK, Suely. **Micropolítica: cartografias do desejo**. Petrópolis: Vozes, 2018.

*Data de recebimento: 15/04/2026; Data de aceite: 10/05/2026*

---

**Cláudia Soares de Oliveira** - Especialista em Psicopedagogia Institucional (PUC-SP) - com projetos em Classe Hospitalar, Brinquedotecas (IAMSPE) e na Geriatria (UNAPES-HC); Gestora de Programas Intergeracionais (Universidade de Granada-Espanha); Gestão do Terceiro Setor (Instituto de Administração para o Terceiro Setor); Mestre em Gerontologia Social (PUC-SP). Terapeuta Integrativa (ASKLEPIOS Associação de Massagem Rítmica Escola de Massagem Rítmica do Brasil); Especialização em Acompanhante Terapêutica no Envelhecimento (Clínica Tempo); Especialização em Cuidados Paliativos (Instituto Premier). Docente no Espaço Longeviver e na Pós-Graduação Artes-Manuais para Terapias na Faculdade EFICAZ – Maringá- PR. Consultora de projetos sociais na área do envelhecimento. Contato: [clasoareso@gmail.com](mailto:clasoareso@gmail.com)



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional que permite o uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que a obra original seja devidamente citada.